

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA

NARRATIVAS FEMININAS SOBRE DESLOCAMENTO:

Singulares tessituras de experiências e palavras

Dissertação

RAÍSSA RAMOS DA ROSA

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo

Porto Alegre, dezembro de 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA

NARRATIVAS FEMININAS SOBRE DESLOCAMENTO:

Singulares tessituras de experiências e palavras

Dissertação

RAÍSSA RAMOS DA ROSA

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Psicanálise.

Porto Alegre, dezembro de 2021.

NARRATIVAS FEMININAS SOBRE DESLOCAMENTO:

Singulares tessituras de experiências e palavras

Raíssa Ramos da Rosa

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Psicanálise.

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Ana Maria Lisboa de Mello – UFRJ

Dra. Luciane de Conti – UFRGS

Dra. Maria Cristina Ferraz Saraiva Santinho – ISCTE-IUL

Dra. Sissi Napoli Vigil Castiel – SIGPOA

Resumo

Os deslocamentos humanos têm ganhado destaque na contemporaneidade, principalmente os referentes à migração de populações socialmente vulneráveis e, assim, têm produzido demandas de investigação a diferentes áreas do conhecimento. A partir do campo teórico e metodológico da psicanálise, a presente pesquisa de Mestrado teve como objetivo acessar a narrativa de mulheres migrantes sobre suas experiências de deslocamento, a fim de desvelar aspectos subjetivos que podem ser mobilizados em uma mulher quando esta empreende um percurso migratório. Tomou-se como inspiração inicial a obra intitulada “A Guerra não tem rosto de mulher”, de Svetlana Aleksiévitich. A primeira fase da pesquisa consistiu no que se denominou “sensibilização da escuta”, em que a pesquisadora se dedicou à leitura de obras da literatura que promovessem sua aproximação e sensibilização à temática da pesquisa. A partir do método psicanalítico de pesquisa, foram realizadas entrevistas com três mulheres venezuelanas e uma haitiana. A análise dos dados ocorreu utilizando-se a proposição ancorada nos três tempos do testemunho e a apresentação dos resultados foi organizada em dois eixos. No primeiro, trabalhou-se aspectos relacionados ao campo do narcisismo que foram postos em movimento, nas mulheres escutadas, a partir do deslocamento geográfico. Já o segundo eixo foi subdividido em três itens, os quais versam, respectivamente, sobre o traumático e a relação com o outro, o feminino em psicanálise e a potencialidade de leituras interdisciplinares sobre a temática. Evidenciou-se a existência de especificidades que são próprias da experiência feminina de deslocamento e a imprescindibilidade de uma escuta singular sobre os fenômenos coletivos.

Palavras-chave: Migração feminina; Psicanálise; Narrativas.

Abstract

Human displacements have gained prominence in contemporary times, especially those referring to the migration of socially vulnerable populations and, thus, have produced research demands in different areas of knowledge. From the theoretical and methodological field of psychoanalysis, the present Master's research aimed to access the narrative of migrant women about their displacement experiences, in order to reveal subjective aspects that can be mobilized in a woman when she undertakes a migratory path. The initial inspiration was the literary work entitled "The unwomanly face of war", by Svetlana Aleksievitch. The first phase of the research consisted of what was called "awareness of listening", in which the researcher was dedicated to reading literary works that could promote her approach and awareness of the research theme. Based on the psychoanalytic research method, interviews were carried out with three Venezuelan women and one Haitian woman. Data analysis took place using the proposition anchored in the three times of testimony and the presentation of the results was organized in two axes. In the first one, aspects related to the field of narcissism were worked on, which were set in motion, in the women heard, from the geographical displacement. The second axis was subdivided into three items, which deal, respectively, with the traumatic and the relationship with the other, the feminine in psychoanalysis and the potential of interdisciplinary readings on the subject. The existence of specificities that are typical of the female experience of displacement and the indispensability of a singular listening to collective phenomena was evidenced.

Keywords: Female migration; Psychoanalysis; Narratives.

Sumário

1. Introdução	7
2. “A guerra não tem rosto de mulher” – Inspiração & Desejo	Erro! Indicador não definido.
3. O cenário das migrações: dados e interrogantes	Erro! Indicador não definido.
3.1 Infiltração do preconceito no laço social: adversidades na chegada.....	Erro! Indicador não definido.
4. Sensibilização à escuta das vozes femininas: o acesso às narrativas literárias	Erro! Indicador não definido.
5. Método	10
5.1 Opção Metodológica	10
5.2 Participantes e Procedimento para coleta de dados	11
5.3 Instrumentos para coleta de dados.....	12
5.4 Procedimento para análise de dados	13
6. Narrativas de mulheres migrantes: escuta na pesquisa	Erro! Indicador não definido.
6.1 Do país de origem ao país de destino: tessituras no campo do narcisismo	Erro! Indicador não definido.
6.2 (Re)conhecimentos do feminino: repetições e criações.....	Erro! Indicador não definido.
6.2.1 O traumático e o campo da experiência com o outro	Erro! Indicador não definido.
6.2.2 Sobre o feminino em Psicanálise	Erro! Indicador não definido.
6.2.3 A potência de leituras interdisciplinares e o feminino ...	Erro! Indicador não definido.
7. Considerações Finais	15
REFERÊNCIAS	19
ANEXOS	Erro! Indicador não definido.
Anexo A – Parecer Consubstanciado do CEP/UFRGS	Erro! Indicador não definido.
Anexo B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)...	Erro! Indicador não definido.
Anexo C - Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos	Erro! Indicador não definido.

1. Introdução

*Uma história intelectual não é somente
um percurso de ideias, um acúmulo de conhecimentos.
É fruto de um percurso de vida, de trabalho e de pensamento.
(Rosiska Darcy de Oliveira, 2012, p. 21)*

Esta pesquisa de Mestrado, intitulada “**Narrativas femininas sobre deslocamento: singulares tessituras de experiências e palavras**”, foi desenvolvida no Grupo de Pesquisa “Psicanálise: psiquismo, subjetividade e pesquisa” e está vinculada ao Projeto Maior denominado “**Movimentos migratórios: demandas à investigação em Psicanálise**”, sob coordenação da Profa. Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo. O Grupo integra o Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O Projeto Maior foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, sob parecer de Número 35813 (Anexo A). Além desta pesquisa, outros estudos vinculados ao Grupo de Pesquisa vêm sendo desenvolvidos a respeito das diásporas contemporâneas e suas especificidades, reafirmando, desta forma, a relevante contribuição que pode advir de investigações em psicanálise sobre esta temática (Dal Forno, Canabarro & Macedo, 2020; Macedo, Felin, Rosa & Dias, 2021; Macedo & Kupermann, 2020; Macedo, Rosa & Felin, 2020; Macedo, Rosa & Felin, no prelo; Macedo, Rosa, Felin, Friedrich & Kother, no prelo).

Os deslocamentos humanos não se constituem como fenômenos recentes. Ao contrário, perpassam e marcam a História. Desde o nomadismo, em que a migração era o estilo de vida, passando pelas expansões marítimas dos séculos XV e XVI – momento no qual se localiza o início da globalização – até os dias atuais, os movimentos migratórios fazem-se presentes e provocam transformações de ordem geopolítica, cartográfica, populacional, cultural, religiosa, dentre outras (Di Cesare, 2020). Em última instância, a história dos deslocamentos confunde-se com a própria história da espécie humana e seus modos de habitar, ao longo dos tempos, o planeta Terra

(Bauman, 2017). Desta forma, por meio de narrativas em torno de percursos migratórios, desdobram-se, tanto histórias coletivas dos povos, quanto de famílias e indivíduos. Histórias essas marcadas por conflitos, injustiças, polêmicas, tragédias, violências, como também por conquistas, aventuras, intercâmbios, esperanças, amor, encontros e reencontros – diversidade que marca presença em lendas, mitos, poemas, contos, livros, e em álbuns familiares.

Contemporaneamente, os deslocamentos humanos, mais especificamente aqueles referentes à migração de populações socialmente vulneráveis, vêm ganhando destaque em diferentes esferas, gerando polêmicas veiculadas, com frequência, pela mídia tradicional. Também causam importantes impactos nas comunidades locais, estando associados ao surgimento de diversos conflitos e impasses. Devido à complexidade do fenômeno em questão, os deslocamentos têm sido foco de estudo de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, como da Sociologia (Bauman, 2017), da Filosofia (Derrida, 2003; Di Cesare, 2020; Eco, 2020), do Direito (Pereira, 2019; Ventura, 2016), da Antropologia (Jardim, 2017; Pussetti, 2017; Santinho, 2011; Santinho, 2013), do Jornalismo (Scego, 2019; Souza & Cararo, 2020), da Geografia (Uebel & Rückert, 2017) da Literatura (Macé, 2018), da Psicologia (Romano & Pizzinato, 2019; Weber, Brunnet, Lobo, Cargnelutti & Pizzinato, 2019) e da Psicanálise (Knobloch, 2015; Macedo, Rosa & Felin, 2020; Rosa, 2015; Rosa, Gebrim & Seincman, 2017).

Reconhecendo a especificidade do campo teórico e metodológico da psicanálise, enfatiza-se o valor de suas contribuições ao estudo de fenômenos humanos, ou seja, as complexas relações entre sujeito e cultura. Assim, sua relevância se refere tanto à denúncia de situações que remetem à implicação social, econômica e política e, portanto, intersubjetiva, na produção de padecimentos psíquicos; como também na

forma de, por exemplo, abordar a elementos escamoteados e desmentidos na necessária reflexão sobre a complexidade referente ao fenômeno migratório.

O pensamento psicanalítico abarca a ideia de complexidade, na medida em que recusa uma pretensa ideia de linearidade e leva em conta a multiplicidade, a incerteza e a contradição (Castiel, 2019). Assim, a psicanálise constitui-se como uma obra aberta, uma vez que Sigmund Freud, seu fundador, apresentou uma forma singular de investigação sobre o humano, permitindo que antigos conceitos pudessem ser retrabalhados e novos postulados surgissem. O legado freudiano reflete sua própria postura diante de suas proposições: Freud não hesitou em repensar, refazer e reformular suas teorias (Castiel, 2019).

A presente pesquisa apresenta como tema central a narrativa feminina sobre a experiência de deslocamento, e tem como objetivo explorar os elementos, que se apresentam em tais narrativas, a fim de acessar aspectos da complexidade inerente à experiência de deslocar-se. Tomou-se, como inspiração inicial para este estudo e investigação, a obra de Svetlana Aleksievitch, intitulada “A guerra não tem rosto de mulher”, conforme será abordado na sequência. Depois, partir-se-á à apresentação da primeira fase da pesquisa, denominada como “Sensibilização da escuta”. Nessa etapa, a pesquisadora se dedicou à leitura de obras da literatura que promovessem sua aproximação e sensibilização à temática da pesquisa. Em seguida, passar-se-á à apresentação do trabalho com dados frutos das entrevistas realizadas com mulheres haitianas e venezuelanas. Trata-se de um trabalho de proposição de argumentos a partir de leituras realizadas no campo interdisciplinar de saberes, as quais permitiram problematizar os temas identificados nas narrativas e, a partir deles, construir tessituras entre narrativas e a teoria. Por fim, serão desenvolvidas considerações a respeito do percurso realizado ao longo desta pesquisa de Mestrado, no intuito de contribuir com o

aprofundamento da inadiável reflexão ética sobre um tema que, paradoxalmente, marca a presença da vulnerabilidade humana e provoca impactante rechaço no laço social.

5. Método

5.1 Opção Metodológica

Para investigar o conteúdo das narrativas produzidas por mulheres migrantes foi utilizado o Método Psicanalítico de pesquisa, procedimento utilizado desde as origens da psicanálise por seu fundador e que tem na clínica seu ponto de apoio primordial (Dockhorn & Macedo, 2015; Iribarry, 2003; Lo Bianco, 2003; Macedo & Dockhorn, 2015). A investigação com o Método Psicanalítico extrapola os campos da clínica na medida em que o sujeito, para a psicanálise, é considerado em sua singularidade e como portador de um saber inconsciente, podendo assim ser acessado em contextos de pesquisa acadêmica (Dockhorn & Macedo, 2015).

Dockhorn e Macedo (2015), ao proporem uma estratégia de pesquisa, exploram as bases de sustentação que permitem a investigação de dado fenômeno ser conduzida pelo rigor do Método Psicanalítico, a saber, a abstinência, a escuta, a transferência e a interpretação. A *abstinência* do pesquisador assegura a não utilização da sugestão e abarca a dimensão ética de respeito ao desejo do sujeito de pesquisa e ao seu livre associar. Permite, também, a *escuta* do pesquisador, por meio de sua atenção flutuante, da subjetividade do sujeito de pesquisa, e abre a possibilidade de se realizar descobertas inesperadas do fenômeno estudado, o que pressupõe a necessária recusa de um saber prévio sobre o sujeito. Tal escuta torna-se possível por meio da relação de *transferência* estabelecida entre o pesquisador e o sujeito de pesquisa, o que permite, a este, contar sobre si mesmo e, àquele, o exercício de *interpretação* dos conteúdos desvelados sobre o tema de pesquisa.

A respeito das características da interpretação, Figueiredo e Minerbo (2006), ressaltam que esta, ao longo de uma investigação, aponta um eixo para a escuta de novos fragmentos sobre o fenômeno pesquisado, que, quando interpretados, também abrirão novos eixos para a escuta, e, assim, sucessivamente. A verdade produzida a partir de uma interpretação será sempre relativa, irrepetível e singular (Figueiredo & Minerbo, 2006). Assim, a interpretação de um dado de pesquisa tem caráter parcial, jamais totalizante, e permite haver outras interpretações do mesmo material que sejam igualmente verdadeiras. Como destacam Dockhorn e Macedo (2015), o objetivo da interpretação no contexto de pesquisa é sempre ampliar as formas de compreender e se aproximar de determinado fenômeno, jamais esgotar a discussão sobre o tema. Cabe ressaltar que a forma de produção de conhecimento em psicanálise não está – e jamais pretendeu estar – em consonância com o discurso científico positivista amplamente valorizado na Academia (Dockhorn, 2015; Macedo & Dockhorn, 2015). É justamente a especificidade do Método Psicanalítico que permite a produção de conhecimento aprofundado sobre fenômenos humanos e, ao mesmo tempo, permite fazer trabalhar a própria psicanálise (Macedo & Dockhorn, 2015).

5. 2 Participantes e Procedimento para coleta de dados

Nesta pesquisa foram entrevistadas quatro mulheres que se deslocaram para o Brasil, sendo três delas venezuelanas e uma haitiana. A escolha das participantes se deu por conveniência, utilizando-se a técnica “Bola de Neve” (Turato, 2010), na qual uma participante indica a outra e, assim, sucessivamente. A primeira participante foi indicada a partir de contatos pré-existentes do Grupo de Pesquisa. Todas as entrevistas foram realizadas de forma remota por meio da Plataforma Zoom, o que possibilitou o acesso a mulheres migrantes de diferentes cidades do Brasil.

Inicialmente, as participantes em potencial que atendiam aos critérios de inclusão da pesquisa – mulheres haitianas ou venezuelanas, entre 25 e 50 anos, que estivessem residindo há, no mínimo, seis meses no Brasil – foram contatadas por telefone, informadas sobre o objetivo e dinâmica da pesquisa, sendo, então, convidadas a participar. Após o aceite, foi agendado um horário conveniente e enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo B), o qual foi lido, pela pesquisadora, no momento inicial das entrevistas e, também, abriu-se para o esclarecimento de dúvidas quanto ao mesmo. Todas as participantes concordaram com o TCLE, tendo sido todas as entrevistas gravadas em vídeo e áudio e, posteriormente, transcritas pela pesquisadora.

As entrevistas foram realizadas entre novembro de 2020 e julho de 2021. Tiveram em média duas horas cada e, em duas situações, identificou-se a necessidade de realização de uma segunda entrevista. Após a realização das transcrições e de diversas releituras, a pesquisadora organizou um material de cada participante no qual consta o relato da história pessoal de cada uma, a história de seu deslocamento e os elementos de suas narrativas que permitiam pensar explorar os objetivos da pesquisa.

5.3 Instrumentos para coleta de dados

A coleta de dados foi realizada a partir de dois instrumentos. O primeiro consistiu numa ficha de dados pessoais e sociodemográficos (Anexo C) elaborada para este estudo, com o objetivo de obter informações objetivas sobre as participantes. O segundo instrumento foi constituído por questões disparadoras considerando os objetivos da pesquisa e, também, a busca de condições de promoção da livre expressão das participantes sobre as suas experiências singulares de deslocamento (Sionek, Assis & Freitas, 2020). Os eixos temáticos que nortearam as entrevistas decorreram das leituras prévias realizadas sobre este fenômeno, orientadas pela modalidade de “leitura-

escuta” (Iribarry, 2003) das obras literárias escolhidas. Esta modalidade de acesso às narrativas literárias será descrita no item a seguir.

5.4 Procedimento para análise de dados

Alinhado com o rigor da pesquisa com o Método Psicanalítico, utilizou-se como estratégia para a análise de dados a proposição ancorada na experiência de *três tempos do testemunho* proposta por Dal Forno e Macedo (2021). O primeiro tempo constitui-se no testemunho da narrativa produzida pelo participante da pesquisa. Desta maneira, o que está em pauta é a escuta realizada pelo pesquisador psicanalítico. O pesquisador psicanalítico (Caon, 1999) tem, enquanto âncora de sua escuta, seu próprio processo de análise, pilar fundamental de sustentação da proposição aqui apresentada. É por meio da escuta de seu próprio inconsciente, na relação analítica transferencial estabelecida em seu processo pessoal, que o pesquisador constrói a ferramenta primordial que lhe permite realizar o exercício de escuta psicanalítica em diferentes contextos, incluindo-se o contexto de pesquisa. Neste sentido, ressalta-se a afirmativa de Iribarry (2003) a respeito de o pesquisador psicanalítico ser o primeiro sujeito de sua pesquisa. Evidencia-se, assim, o lugar de importância que o pesquisador assume enquanto sujeito da investigação, visto que sua subjetividade não é excluída, mas sim validada e entendida enquanto imprescindível para que uma pesquisa com o Método Psicanalítico possa ocorrer (Dal Forno & Macedo, 2021; Dockhorn & Macedo, 2015; Figueiredo & Minerbo, 2006; Macedo & Dockhorn, 2015).

O segundo tempo do testemunho constitui-se na experiência com o orientador psicanalista, que tem na dinâmica da prática de supervisão a sua inspiração (Dal Forno & Macedo, 2021). Neste momento, o pesquisador apresenta os dados obtidos a partir do seu testemunho das narrativas e, assim, orientador e pesquisador trabalham juntos a fim

de produzir uma triangulação¹ e complexização dos dados. Esta dinâmica favorece as condições de sustentação da pesquisa com o Método Psicanalítico na medida em que o orientador assume o papel de primeira alteridade com quem o pesquisador irá se comunicar para, posteriormente, apresentar seus achados para a comunidade. Em relação ao tratamento dos dados de pesquisa, utilizou-se como técnica a “leitura-escuta” (Iribarry, 2003) que consiste na transformação de determinado dado de pesquisa em um texto que será lido e analisado a partir da atenção flutuante do pesquisador. Desta forma, por meio da transcrição das entrevistas que foram realizadas, se obteve materiais escritos que permitiram o exercício de “leitura-escuta”.

O terceiro tempo do testemunho fundamenta-se na produção de um ensaio metapsicológico, ou seja, de um texto resultante da pesquisa psicanalítica empreendida e que tem sua escrita orientada pela criatividade do pesquisador (Dal Forno & Macedo, 2021). Ressalta-se que, na escrita do ensaio metapsicológico, está contemplada a possibilidade de proposição de novos construtos teóricos a partir dos achados obtidos ao longo no processo de pesquisa. O ensaio se propõe a apresentar uma das interpretações possíveis relativas ao tema de pesquisa, mantendo a abertura e ampliação que permite a continuidade de discussões ao redor da temática. A escrita em psicanálise não objetiva, como no modelo positivista, ser desprovida de afeto, impessoal e neutra (Oliveira & Tafuri, 2012), portanto, assume-se a importância que do trabalho de sensibilização realizado por meio da “leitura-escuta” (Iribarry, 2003) de obras literárias na escuta das participantes da pesquisa, bem como, na construção e escrita posterior do ensaio. Entende-se que a sensibilidade do pesquisador psicanalítico é um elemento essencial para a construção do espaço de acolhimento à singularidade da narrativa testemunhal das participantes.

¹ Segundo Dockhorn & Macedo (2015), a triangulação dos dados consiste no encontro da escuta do orientador com a escuta do pesquisador a fim de ampliar o processo de interpretação dos elementos presentes no material de pesquisa analisado.

7. Considerações Finais

Após o percurso realizado no Mestrado, efetua-se, ainda, algumas últimas considerações. Fazendo jus à sua inserção no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, na Linha de Pesquisa Psicanálise e Cultura, a presente pesquisa dedicou-se à problematização e reflexão sobre a importante temática dos deslocamentos humanos que vem, inegavelmente, provocando tensionamentos no laço social. Acredita-se que nos deslocamentos empreendidos as pessoas denunciam complexos elementos que são escamoteados, por vezes, na consideração das relações entre o sujeito e a cultura. A condição de precarização da vida de muitos e o privilégio desfrutado por poucos, encontra no cenário contemporâneo e na dramaticidade implicada nas diásporas, a expressão da crueldade frente ao semelhante. Cultura, subjetivação, feminino, preconceito, segregação, pertencimento...tessituras complexas que produziram interrogantes fundamentais no direcionamento à escolha do tema da Dissertação.

O reconhecimento da imprescindibilidade de, ao se estudar complexos fenômenos da cultura, valorizar produções de outras áreas do conhecimento, se fez presente como uma questão fundamental mesmo antes da escrita do Projeto de Pesquisa. A inspiração inicial na leitura da obra “*A guerra não tem rosto de mulher*”, produziu reverberações e estímulo ao envolvimento com outras produções literárias, representando a potência advinda da interdisciplinaridade.

Desta maneira, no momento de avaliar o alcance do objetivo de contribuir com o estudo de um fenômeno instigante, é uma vez mais a passagens do referido livro que auxilia a finalizar o percorrido, reconhecendo-se a incompletude do conhecido e a importância de que possam surgir novos interrogantes. Raïssa Grigórievna Khosseniévitch, entrevistada por Svetlana Aleksiévitch, lutou como *partisan* durante a

Segunda Guerra Mundial. Sua narrativa, repleta de elementos sensíveis – dores e amores, luto e luta – contempla, dentre outras questões, a percepção de seus filhos pequenos sobre os eventos a sua volta. Uma cena narrada, que causou grande impacto na pesquisadora, refere-se à quando Raíssa encontra seu filho, de três anos de idade, acalmando seus colegas do jardim de infância, após um bombardeio nos arredores da cidade. Raíssa reproduz a fala do filho na ocasião: “*não tenham medo, mamãe falou que vão acabar com os alemães*” (p. 339). O menino, ao se dar conta da presença da mãe, abdica da posição de quem se responsabilizava pelo cuidado ao outro e, em sua vulnerabilidade infantil e necessidade de amparo, recorre à mãe: “meu filho estava assim, tranquilizando os outros. Mas quando me viu, começou a tremer, chorar, e percebi que estava morrendo de medo” (p. 339). A sensibilidade desta narrativa remete à dinâmica do cuidado: só pode efetivamente cuidar, quem se sente cuidado; escutar, quem se sente escutado. Questões imprescindíveis quando se trata de ofertar hospitalidade aos sujeitos migrantes.

Buscou-se acolher as narrativas de Elena, Sofia, Olga e Nina na reciprocidade de uma escuta ancorada no exercício de hospitalidade às suas histórias, sentimentos e experiências singulares. Por parte da pesquisadora, foi possível experienciar a escuta destas mulheres alinhada à concepção de Gagnebin (2009), que considera a narrativa como um *presente*. Nessa concepção, a autora se remete às errâncias do herói Ulisses na *Odisseia*. Este, ao tentar voltar para casa, passa longos anos como estrangeiro, de um lugar para o outro – por vezes, é recebido como inimigo, por outras, como um hóspede bem-vindo. Nos rituais de hospitalidade, a tradição exigia a troca de presentes entre anfitriões e hóspedes, porém, Ulisses, desprovido de qualquer bem material, não tem nada a oferecer “fora a narração comovente de suas aventuras. E, de fato, essas belas

histórias vão ser reconhecidas, por assim dizer, como moeda de troca contra os belos presentes de hospitalidade” (Gagnebin, 2009, p. 22).

As narrativas de Elena, Sofia, Olga e Nina foram assim concebidas, como presentes. A fim de honrar a confiança dessas mulheres ao compartilharem suas experiências e palavras, seus risos e choros, seus medos e esperanças, pretendeu-se, na escrita desta Dissertação, trabalhar de forma ética e respeitosa a partir da potência dos pressupostos psicanalíticos e de outros saberes. Entende-se que uma psicanálise que faça jus a sua genuína dimensão política tem o papel fundamental de trabalhar em direção a contribuir com uma escuta que promova o rompimento com desmentidos, tão violentos, cruéis e frequentes na forma de abordar a temática das migrações. Ao escutar as vozes subjetivas, também se faz possível desvelar aspectos que dizem respeito à coletividade, uma vez que há indissociável tessitura entre o sujeito e o social, como ensinou Sigmund Freud.

A posição política assumida nesta pesquisa diz respeito, também, à escolha por privilegiar a escuta da narrativa de mulheres sobre as vicissitudes de seus deslocamentos, reconhecendo a existência de especificidades que são próprias à experiência feminina. Ao valorizar suas histórias, capacidades pessoais e profissionais, vínculos e, também, vulnerabilidades e conflitos pessoais, buscou-se ofertar reconhecimento à alteridade que representam, bem como acolher potencialidades que trazem desde seu país de origem. Desta forma, buscou-se o distanciamento de leituras que promovam o enclausuramento do migrante em leituras patologizantes e vitimizantes, as quais desconsideram e inviabilizam seus direitos, potência e autonomia.

Encerra-se o percorrido almejando que as mulheres presentes nas diásporas contemporâneas possam ser, cada vez mais, escutadas e terem legitimados seus projetos quanto ao devir. Frente a uma mulher que pode narrar-se em primeira pessoa, cabe aos

sujeitos autóctones o exercício da hospitalidade e o reconhecimento de que é, pelo exercício do pleno direito a existir, que se constitui a justiça – força vital do laço social.

REFERÊNCIAS

- Aleksiévitch, S. (2016). *A guerra não tem rosto de mulher*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Alencar-Rodrigues, R., Strey, M. N., & Espinosa, L. C. (2009). Marcas do gênero nas migrações internacionais das mulheres. *Psicologia & Sociedade*, 21(3), 421-430. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000300016>
- Alonso, S. L. (2011). *O tempo, a escuta, o feminino: reflexões*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Appignanesi, L., & Forrester, J. (2011). *As mulheres de Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Arruda, A. M. T. (2015). Brasil e Canadá: uma breve comparação sócio-histórica das políticas migratórias entre os séculos XIX e XXI. In A. M. N. Vasconcelos, & T. Botega (Orgs.), *Política migratória e o paradoxo da globalização* (pp. 11-31). Porto Alegre, RS: EdiPUCRS/Brasília, DF: CSEM. <https://www.csem.org.br/livros/politica-migratoria-e-o-paradoxo-da-globalizacao/>
- Assis, G. O. (2007). Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. *Estudos Feministas*, 15(3), 745-772. <https://www.scielo.br/j/ref/a/pTknVwR7jtGFHsPfyV5Mk7x/?lang=pt&format=pdf>
- Baeninger, R., et al. (2018). *Migrações Sul-Sul*. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp. https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/migracoes_sul_sul/migracoes_sul_sul.pdf
- Bauman, Z. (2017). *Estranhos à nossa porta*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Beauvoir, S. (2020). *O segundo sexo*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Benjamin, W. (1975). Sobre alguns temas em Baudelaire. In W. Benjamin, *A modernidade e os modernos* (pp. 37-76). Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro. (Original publicado em 1939).
- Birman, J. (1999). *Cartografias do feminino*. São Paulo, SP: Editora 34.
- Birman, J. (2014). *O sujeito na contemporaneidade*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.

- Birman, J. (2016). *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e suas formas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2019a). *Cartografias do avesso: escrita, ficção e estéticas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2019b). *Genealogia do narcisismo*. São Paulo, SP: Instituto Langage.
- Borges, R. (2017). Prefácio. In N. M. Kon, M. L. Silva, & C. C. Abud (Orgs.), *O racismo e o negro no Brasil: questões para a Psicanálise* (pp. 7-14). São Paulo, SP: Perspectiva.
- Botega, T., & Ruano, E. (2015). A dimensão do retorno nas narrativas de migrantes paraguaias e brasileiras. In A. M. N. Vasconcelos, & T. Botega (Orgs.), *Política migratória e o paradoxo da globalização* (pp. 209-234). Porto Alegre, RS: EdIPUCRS/Brasília, DF: CSEM. <https://www.csem.org.br/livros/politica-migratoria-e-o-paradoxo-da-globalizacao/>
- Butler, J. (2004). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2019). *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Canavêz, F., & Verztman, J. S. (2021). Somos capazes de escutar os desmentidos sociais? *Ayvu: Revista de Psicologia*, 8, 1-21. <https://periodicos.uff.br/ayvu/article/view/49953>
- Caon, J. L. (1999). O pesquisador psicanalítico e a pesquisa psicanalítica. In: J. A. T. Machado (Org.), *Filosofia e psicanálise: um diálogo* (pp. 35-73). Porto Alegre, RS: EdIPUCRS.
- Cararo, A., & Souza, D. P. (2020). *Valentes: histórias de pessoas refugiadas no Brasil*. São Paulo, SP: Seguinte.
- Carvalho, G. S., Sampaio, E. S. C. M., & Santos, A. J. (2019). A constituição subjetiva do adolescente e o ato transgressor. *Ecos: estudos contemporâneos da subjetividade*, 9(2), p. 237-248. <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2963>
- Castiel, S. V. (2007). *Sublimação: clínica e metapsicologia*. São Paulo, SP: Escuta.
- Castiel, S. V. (2019). *Narcisismo, pulsões e sexualidade: repercussões clínicas*. São Paulo, SP: Escuta.
- Cavalcanti, L., Oliveira, T., & Macêdo, M. (2020). *Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2020. Série Migrações*. Observatório das Migrações

- Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra. <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>
- Cavalcanti, L., & Oliveira, T. (2020). Um panorama da imigração e do refúgio do Brasil: reflexões à guisa de introdução. In: L. Cavalcanti, T. Oliveira, & M. Macêdo (orgs.). *Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2020. Série Migrações* (pp. 8-16). Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra. <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>
- Cavallero, L., & Gago, V. (2021). *Uma leitura feminista da dívida: vivas, livres e sem dívidas nos queremos*. Porto Alegre, RS: Criação Humana.
- Centro Scalabriano de Estudos Migratórios [CSEM]. (2014). *Mulher migrante: agente de resistência e transformação*. Brasília, DF: CSEM. <https://www.csem.org.br/livros/mulher-migrante-agente-de-resistencia-e-transformacao/>
- Chaves, E. (2015). O paradigma estético de Freud. In E. Chaves (Trad.), *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Arte, literatura e os artistas* (pp. 7-39). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Cogo, D., & Silva, T. (2016). Entre a fuga e a invasão: alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira. *Revista Famecos – Mídia, Cultura e Tecnologia*, 23(1), 1-18. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2016.1.21885>
- Dal Forno, C., Canabarro, R. C. S., & Macedo, M. M. K. (2020). O trabalho como potencialidade subjetiva na experiência migratória. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(1), 309-329. <https://doi.org/10.12957/epp.2020.50836>
- Dal Forno, C., Canabarro, R. C. S., & Macedo, M. M. K. (2021). (Des)subjetivação, migração e refúgio: reflexões psicanalíticas. *Ágora: estudos em teoria psicanalítica*, 24(1), 10-18. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-44142021001002>
- Dal Forno, C., & Macedo, M. M. K. (2021). Pesquisa psicanalítica: da transferência com a psicanálise à produção do ensaio metapsicológico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 37(1), 1-10. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e37406>
- Derrida, J. (2003). Questão do estrangeiro: vinda do estrangeiro. In J. Derrida, & A. Dufoumantelle, *Anne Dufoumantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo, SP: Escuta.

- Di Cesare, D. (2020). *Estrangeiros residentes: uma filosofia da migração*. Belo Horizonte, MG: Âyiné.
- Dias, S., Nunes, M., & Gama, A. (2020). Uma reflexão sobre desigualdade de gênero e saúde no contexto da migração: que desafios e respostas para a promoção da saúde das mulheres migrantes? *Faces de Eva*, 43, 103-119. <https://doi.org/10.34619/92yr-rh52>
- Dockhorn, C. N. B. F. (2015). A Psicanálise na universidade: desafios ao fazer do psicanalista. *SIG Revista de psicanálise*, 7(2), 103-113. http://sig.org.br/wp-content/uploads/2016/10/N7_EmPauta2.pdf
- Dockhorn, C. N. B. F., & Macedo, M. M. K. (2015). Estratégia Clínico Interpretativa: um recurso à pesquisa psicanalítica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(4), 529-535. <http://dx.doi.org/10.15900102-37722015042473529535>
- Dornelas, P. D., & Ribeiro, R. G. N. (2018). Mulheres migrantes invisibilidade, direito à nacionalidade e a interseccionalidade nas políticas públicas. *O social em questão*, 21(41), 247-264. http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ_41_art_11_Dornelas_Ribeiro.pdf
- Dutra, D. (2013). Mulheres, migrantes, trabalhadoras: a segregação no mercado de trabalho. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 21(40), 177-193. <https://www.scielo.br/j/remhu/a/SHpdGQt7Mdq3rw4KWvZkyzn/abstract/?lang=pt>
- Dutra, D. (2014). Paraguias no Brasil. In: Centro Scalabriano de Estudos Migratórios [CSEM, *Mulher migrante: agente de resistência e transformação* (pp. 28-53). Brasília, DF: CSEM. <https://www.csem.org.br/livros/mulher-migrante-agente-de-resistencia-e-transformacao/>
- Eco, U. (2020). *Migração e Intolerância*. Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Emecheta, B. (2018). *Cidadã de segunda classe*. Porto Alegre, RS/São Paulo, SP: Dublinense.
- Faedrich, A. (2016). Autoficção: um percurso teórico. *Criação & Crítica*, (17), 30-46. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0i17p30-46>
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador, BA: EDUFBA.
- Ferenczi, S. (2011). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In A. Cabral (Trad.), *Obras Completas Psicanálise IV* (pp. 55-60). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Original publicado em 1929).

- Ferenczi, S. (2011). Análise de crianças com adultos. In A. Cabral (Trad.), *Obras Completas Psicanálise IV* (pp. 79-95). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Original publicado em 1931).
- Ferenczi, S. (2011). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In A. Cabral (Trad.), *Obras Completas Psicanálise IV* (pp. 111-121). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Original publicado em 1933).
- Ferenczi, S. (2011). Reflexões sobre o trauma. In A. Cabral (Trad.), *Obras Completas Psicanálise IV* (pp. 125-135). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Original publicado em 1934).
- Ferreira, A. C., & Grossi, Y. S. (2002). A narrativa na trama da subjetividade: perspectivas e desafios. *Economia & Gestão*, 2(3), 120-134. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/economiaegestao/article/view/112>
- Figueiredo, E. (2007). Dany Laferrière: autobiografia, ficção ou autoficção? *Interfaces Brasil/Canadá*, 7(1), 55-70. <https://doi.org/10.15210/interfaces.v7i1.6938>
- Figueiredo, L. C., & Minerbo, M. (2006). Pesquisa em Psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 257-278. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017
- França, I. L., & Fontgaland, A. (2020). Gênero, sexualidades e deslocamentos: notas etnográficas sobre imigrantes e “refugiados LGBTI” no norte do Brasil. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 28(59), 49-68. <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880005904>
- Freud, S. (1996). A sexualidade na etiologia das neuroses. In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. III, pp. 251-272). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1898).
- Freud, S. (1996). Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna. In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. IX, pp. 167-186). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1908).
- Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. XIV, pp. 77-108). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1914).

- Freud, S. (1996). Luto e Melancolia. In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. XIV, pp. 245-266). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1917[1915]).
- Freud, S. (1996). Breves Escritos: Uma nota sobre a pré-história da técnica de análise. In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. XVIII, pp. 271-273). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1920).
- Freud, S. (1996). Psicologia do grupo e análise do ego. In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. XVIII, pp. 73-146). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1921).
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. XXI, pp. 65-151). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1930).
- Freud, S. (2020). Sobre a sexualidade feminina. In. M. R. S. Moraes (Trad.), *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade, feminilidade* (285-311). Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Original publicado em 1931).
- Freud, S. (2020). A feminilidade: Conferência XXXIII. In. M. R. S. Moraes (Trad.), *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade, feminilidade* (313-345). Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Original publicado em 1933).
- Freud, S., & Breuer, J., (1996). Estudos sobre a histeria. In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. II). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1895).
- Gago, V. (2020). *A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo*. São Paulo, SP: Elefante.
- Garcia-Roza, L. A. (1995). *Introdução à metapsicologia freudiana – Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Ginzburg, J. (2008). Linguagem e trauma na escrita do testemunho. *Conexão Letras*, 3(3), 1-6. <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/55604>
- Grigorieff, A. G., & Macedo, M. M. K. (2018). Singulares deslocamentos na experiência psíquica de migrar. *Psicologia Clínica*, 30(3), 471-492. <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0030n03A04>

- Gomasasca, P. (2017). Direito de excluir ou dever de acolher? A migração forçada como questão ética. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, 25(50), 11-24. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=407052519002>
- Gondar, J. (2012). Ferenczi como pensador político. *Cadernos de Psicanálise*, 34(27), 193-210. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-62952012000200011&script=sci_abstract
- Gondar, J. (2016). Terror, terrorismo e reconhecimento. *Cadernos de Psicanálise*, 38(35), 129-141. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v38n35/v38n35a08.pdf>
- Gondar, J. (2017). A compulsão à repetição como atividade criadora: Ferenczi com Christoph Türcke. In E. S. Reis & J. Gondar, *Com Ferenczi: clínica, subjetivação e política* (pp. 141-162). Rio de Janeiro, RJ: 7 Letras.
- Hornstein, L. (2008). *As depressões: Afetos e humores do viver*. São Paulo, SP: Via Lettera Editora.
- Hornstein, L. (2009). *Narcisismo: autoestima, identidade, alteridade*. São Paulo, SP: Via Lettera Editora.
- Ianninni, G., & Tavares, P. H. (2020). Sobre amor, sexualidade, feminilidade. In M. R. S. Moraes (Trad.), *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade, feminilidade* (7-35). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora*, 5(6), 115-138. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000100007>
- Jardim, D. F. (2017). *Imigrantes ou refugiados? Tecnologias de controle e as fronteiras*. Jundiaí, SP: Paco Editorial.
- Kegler, P., & Macedo, M. M. K. (2016). Narrativas do excesso: a potencialidade da palavra em psicanálise. *Tempo Psicanalítico*, 48(1), 171-190. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382016000100011
- Kehl, M. R. (2016). *Deslocamentos do feminino*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Kehl, M. R. (2020). Posfácio: Freud e as mulheres. In M. R. S. Moraes (Trad.), *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade, feminilidade* (353-368). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro, RJ: Cobogó.

- Knobloch, F. (2015). Impasses do atendimento e assistência do migrante e refugiados na saúde e saúde mental. *Psicologia USP*, 26(2), 169-174. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20140015>
- Kon, N. M., Silva, M. L., & Abud, C. C. (2017). *O racismo e o negro no Brasil: questões para a Psicanálise*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Kupermann, D. (2017). *Estilos do cuidado: a psicanálise e o traumático*. São Paulo, SP: Zagodoni.
- Kupermann, D., & Osmo, A. (2012). Confusão de línguas, trauma e hospitalidade em Sándor Ferenczi. *Psicologia em Estudo*, 17(2), 329-339. <https://www.scielo.br/j/pe/a/zhbBSFMNJdcDJfQnd8pppcP/abstract/?lang=pt>
- Lo Bianco, A. C. (2003). Sobre as bases dos procedimentos investigativos em psicanálise. *PSICO USF*, 8(2), 115-123. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712003000200003>
- Lo Bianco, A. C., Costa-Moura, F., & Solberg, M. C. (2010). A psicanálise e as narrativas modernas – a transmissão em questão. *Psicologia Clínica*, 22(2), 17-25. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652010000200002>
- Lussi, C. (2015). Políticas públicas e desigualdades na migração e refúgio. *Psicologia USP*, 26(2), 136-144. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564D20140014>
- Macé, M. (2018). *Siderar, considerar: migrantes, formas de vida*. Rio de Janeiro, RJ: Bazar do Tempo.
- Macedo, M. M. K. (2010). *Adolescência e Psicanálise: Intersecções Possíveis*. Porto Alegre, RS: EdIPUCRS.
- Macedo, M. M. K., & Dockhorn, C. N. B. F. (2015). Psicanálise, pesquisa e universidade: labor da especificidade e do rigor. *Perspectivas em Psicologia*, 12(2), 82-90. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=483547667010>
- Macedo, M. M. K., & Falcão, C. N. B. (2005). A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. *Psychê*, 9(15), 65-76. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000100006
- Macedo, M. M. K., Felin, M. M., Rosa, R. R., & Dias, W. N. (2021). Movimientos migratorios contemporáneos: desvelando las desigualdades y la violencia en el vínculo social. In N. Lloves. (Org.). *XIII Congreso Anual. XXXIII Symposium: cartografías del sufrimiento psíquico: avatares de época*, (pp. 150-156). 1ed. Buenos Aires: Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados.

- Macedo, M. M. K., Gobbi, A. S., & Waschburger, E. M. P. (2010). O corpo na adolescência: território de enlances e desenlances. In: M. M. K. Macedo (Org.). *Adolescência e Psicanálise: Intersecções Possíveis* (pp. 127-148). Porto Alegre, RS: EdiPUCRS.
- Macedo, M. M. K., & Kupermann, D. (2020). Alteridade e indiferença no contemporâneo: a indizibilidade do outro nas situações de refúgio e migração. In: J. Birman, I. Fortes & M. Macedo (Orgs.). *Psicanálise e Política* (pp. 97-107). São Paulo, SP: Zagodoni.
- Macedo, M. M. K., Rosa, R. R., & Felin, M. M. (2020). O desmentido e as faces da violência frente ao estrangeiro. In C. F. Dutra, & G. L. Pereira. (Org.). *Direitos Humanos e Migrações Forçadas: migrações, xenofobia e transnacionalidade*, pp. 284-292. 1 ed. Porto Alegre: Editora Fi.
- Macedo, M. M. K., Rosa, R. R., & Felin, M. M. (no prelo). Deslocamentos contemporâneos: reflexões sobre sujeito, cultura e política. *Revista Psicologia Política*.
- Macedo, M. M. K., Rosa, R. R., Felin, M. M., Friedrich, M. R. M., Kother, I. A. (no prelo). A escrita psicanalítica sobre violência e preconceito: uma revisão sistemática. *Revista Psico*.
- Marinucci, R. (2015). Mulheres, migrantes e muçulmanas. Percurso de discriminação e empoderamento. In A. M. N. Vasconcelos, & T. Botega (Orgs.), *Política migratória e o paradoxo da globalização* (pp. 189-207). Porto Alegre, RS: EdiPUCRS/Brasília, DF: CSEM. <https://www.csem.org.br/livros/politica-migratoria-e-o-paradoxo-da-globalizacao/>
- Marinucci, R. (2019). “Não são apenas números”. Olhares psicossociais sobre migrantes e refugiados. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, 27(55), 7-12. <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880005501>
- Martins, F., & Amaral, A. J. (2019). Feminismos e performatividade: ensaio sobre Filosofia, Psicanálise e Gênero. *Opción*, 34(87), 458-479. <https://produccioncientificaluz.org/index.php/opcion/article/view/23887>
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. São Paulo, SP: N-1 Edições.
- Mejía, M. R. G., & Cazarotto, R. T. (2017). O papel das mulheres imigrantes na família transnacional que mobiliza a migração haitiana no Brasil. *Revista Pós Ciências*

- Sociais*, 14(27), 171-190.
<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/6452>
- Mello, P. C. (2019). O novo mundo dos estrangeiros pré-fabricados. In P. C. Mello, J. Cárdenas, B. Carvalho, L. Padura & I. Scego, *Fronteiras: territórios da literatura e da geopolítica* (pp. 15-29). Porto Alegre, RS: Dublinense.
- Milesi, R., Coury, P., & Rovey, J. (2018). Migração Venezuelana ao Brasil: discurso político e xenofobia no contexto atual. *Aedos*, 10(22), 53-70.
<https://www.seer.ufrgs.br/aedos/article/view/83376/49791>
- Ministério da Justiça e Segurança Pública [MJSP]. (2019). *O Observatório*. Brasília, DF: Portal da Imigração. <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/observatorio>
- Molina, J. A. (2016). *O que Freud dizia sobre as mulheres*. São Paulo, SP: Editora Unesp.
- Moraes, I. A., Andrade, C. A. A., & Mattos, B. R. B. (2013). A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios. *Conjuntura Austral*, 4(20), 95-114.
<https://www.seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/35798/27329>
- Mountian, I., & Rosa, M. D. (2015). O outro: análise crítica de discursos sobre imigração e gênero. *Psicologia USP*, 26(2), 152-160.
<https://doi.org/10.1590/0103-6564D20150001>
- Mukasonga, S. (2018). *Baratas*. São Paulo, SP: Nós.
- Nicéas, C. A. (2020). *Introdução ao narcisismo: o amor de si*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Nogueira, I. B. (2017). Cor e Inconsciente. In N. M. Kon, M. L. Silva, & C. C. Abud (Orgs.), *O racismo e o negro no Brasil: questões para a Psicanálise* (pp. 121-126). São Paulo, SP: Perspectiva.
- Noronha, J. M. G. (2014). *Ensaio sobre a autoficção*. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG.
- Oliveira, R. D. (2012). *Elogio da diferença: o feminino emergente*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco.
- Oliveira, N. R., & Tafuri, M. I. (2012). O método psicanalítico de pesquisa e a clínica: reflexões no contexto da universidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 15(4), 838-850. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142012000400007>
- Paula, L. C. (2017). As experiências migratórias a partir da inserção local de migrantes haitianos(as) na cidade de Porto Alegre. *Périplos - revista de pesquisa sobre*

- migrações*, *I*(1), 153-159.
https://periodicos.unb.br/index.php/obmigra_periplos/article/view/6559
- Pereira, A. B. (2018). O refúgio do trauma: notas etnográficas sobre trauma, racismo e temporalidades do sofrimento. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 26(53), 79-97. <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880005306>
- Pereira, G. L. (2019). *Direitos humanos e migrações forçadas: Introdução ao direito migratório e ao direito de refugiados no Brasil e no mundo*. Porto Alegre, RS: EdIPUCRS.
- Piñeiro, E. S., & Calazans, M. E. (2020). Estudos sobre fluxos migratórios e gênero nas publicações em periódicos de Qualis relevantes no Brasil. *Revista Colombiana de Sociología*, 43(1), 171-190. doi: <https://doi.org/10.15446/rcs.v43n1.77096>
- Pires, E. G. (2014). Experiência e linguagem em Walter Benjamin. *Educação e Pesquisa*, 40(3), 813-828. <https://doi.org/10.1590/s1517-97022014041524>
- Pontalis, J. B., & Mango, E. G. (2014). *Freud com os escritores*. São Paulo, SP: Três Estrelas.
- Porchat, P. (2014). Ato performativo e desconstrução: o gênero em Judith Butler. In P. E. S. Ambra & N. S. Júnior (Orgs.), *Histeria e gênero: sexo como desencontro* (pp. 31-52). São Paulo, SP: nVersos.
- Pussetti, C. (2017). “O silêncio dos inocentes”. Os paradoxos do assistencialismo e os mártires do Mediterrâneo. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 21(61), 263-272. <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0625>
- Ribeiro, E. M., & Baeninger, R. (2020). Migração internacional de mulheres e o mercado global de cuidados: um estudo sobre filipinas em São Paulo, Brasil. *Cidades, Comunidades e Territórios*, 40, 103-116. <https://doi.org/10.15847/cct.jun2020.040.doss-art07>
- Rodrigues, A. A., & Gondar, J. (2018). Elementos para pensar a sublimação: pulsão de morte e plasticidade psíquica. *Tempo Psicanalítico*, 50(1), 236-257. <https://www.tempposicanalitico.com.br/index.php/tempposicanalitico/article/view/327>
- Romano, A. Q. T., & Pizzinato, A. (2019). Migração de mulheres para o Brasil: interseções de gênero, raça/etnia e classe. *Trabajo Social*, 21(2), 197-213. doi: <https://doi.org/10.15446/ts.v21n2.75072>
- Rosa, R. M. (2015). As contradições da política migratória brasileira contemporânea: algumas reflexões a respeito das políticas públicas para os migrantes haitianos.

- In A. M. N. Vasconcelos, & T. Botega (Orgs.), *Política migratória e o paradoxo da globalização* (pp. 53-74). Porto Alegre, RS: EdiPUCRS/Brasília, DF: CSEM. <https://www.csem.org.br/livros/politica-migratoria-e-o-paradoxo-da-globalizacao/>
- Rosa, M. D., Gebrim, A., & Seincman, P. (2017). O acolhimento e a escuta em rede no campo das migrações: uma contribuição da psicanálise. *Sig: revista de psicanálise*, 6(10), 25-33. <http://sig.org.br/bkp/wp-content/uploads/2018/10/Edicao10-Completa.pdf#page=27>
- Salles, D. M. N. N. L., Castro, F. R., & Loureiro, G. A. (2021). Direitos humanos, mídia e refúgio: uma análise sobre a construção da narrativa acerca dos migrantes venezuelanos no Brasil. *Direitos humanos e democracia*, 9(17), 60-71. <https://doi.org/10.21527/2317-5389.2021.17.9286>
- Santinho, C. (2011). *Refugiados e requerentes de asilo em Portugal: contornos políticos no campo da saúde* [Tese de doutorado]. Instituto Universitário de Lisboa. <http://www.apantropologia.org/apa/tese-de-doutoramento-de-cristina-santinho-publicada-pelo-acm/>
- Santinho, C. (2013) Afinal, que asilo é este que não nos protege?, *Revista Etnográfica*, 17(1), 5-29. <https://doi.org/10.4000/etnografica.2522>
- Santos, M. O., & Mesquita, J. L. (2017). Observando o lado feminino da migração: mulheres bolivianas na cidade de São Paulo. *Revista Ambivalências*, 5(9), 172-194. <https://doi.org/10.21655/2318-3888.v5n9p172-194>
- Scego, I. (2018). *Minha casa é onde estou*. São Paulo, SP: Nós.
- Scego, I. (2019). Viajantes. In P. C. Mello, J. Cárdenas, B. Carvalho, L. Padura & I. Scego, *Fronteiras: territórios da literatura e da geopolítica* (pp. 121-139). Porto Alegre, RS: Dublinense.
- Schwarcz, L. (2017). Raça, cor e linguagem. In N. M. Kon, M. L. Silva, & C. C. Abud (Orgs.), *O racismo e o negro no Brasil: questões para a Psicanálise* (pp. 91-120). São Paulo, SP: Perspectiva.
- Silva, M. L. (2017). Racismo no Brasil: questões para psicanalistas brasileiros. In N. M. Kon, M. L. Silva, & C. C. Abud (Orgs.), *O racismo e o negro no Brasil: questões para a Psicanálise* (pp. 71-89). São Paulo, SP: Perspectiva.
- Sionek, L., Assis, D. T. M., & Freitas, J. L. (2020). “Se eu soubesse, não teria vindo”: implicações e desafios da entrevista qualitativa. *Psicologia em Estudo*, 25(1), 1-15. <http://dx.doi.org/10.4025/psicolestud.v25i0.44987>

- Sousa, E. L. A. (2015). Faróis e enigmas: arte e psicanálise à luz de Sigmund Freud. In E. Chaves (Trad.), *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Arte, literatura e os artistas* (pp. 317-331). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Sousa, T. R., & Santinho, M. C. (2019). Antropologia da saúde, psiquiatria transcultural e etnopsiquiatria: considerações teóricas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 59, 79-90. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/tae/article/view/9939>
- Souza, D. P., & Cararo, A. (2020). *Valentes: histórias de pessoas refugiadas no Brasil*. São Paulo, SP: Seguinte.
- Tonhati, T., & Macêdo, M. (2020). Imigração de mulheres no Brasil: movimentações, registros e inserção no mercado de trabalho formal (2010-2019). In: L. Cavalcanti, T. Oliveira, & M. Macêdo (orgs.). *Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2020. Série Migrações* (pp. 111-141). Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra. <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>
- Turato, E. R. (2010). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Uebel, R. R., G. & Rückert, A. A. (2017). Haitianos no Rio Grande do Sul: panorama e perfil do fenômeno migratório contemporâneo. *Périplos - revista de pesquisa sobre migrações*, 1(1), 92-110. https://periodicos.unb.br/index.php/obmigra_periplos/article/view/5894
- United Nations High Commissioner for Refugees. (2021). Global Trends: Forced displacement in 2020. Geneva: UNHCR. <https://www.unhcr.org/flagship-reports/globaltrends/>
- UN Women. (2017). *Women migrant workers' contributions to development*. NY: New York. [Women migrant workers' contributions to development | UN Women – Headquarters](https://www.unwomen.org/en/news/stories/2017/12/women-migrant-workers-contributions-to-development)
- Vasconcelos, A. M. N., & Botega, T. (2015). *Política Migratória e o paradoxo da globalização*. Porto Alegre, RS: EdiPUCRS.
- Ventura, D. (2016). The impact of international health crises on the rights of migrants. *SUR*, 3, 13(23), 61-75. https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2838293

Weber, J. L. A.; Brunnet, A. E.; Lobo, N.S.; Cargnelutti, E. S., & Pizzinato, A. (2019). Imigração Haitiana no Rio Grande do Sul: aspectos psicossociais, aculturação, preconceito e qualidade de vida. *Psico-USF*, 24(1), 173-185. <https://doi.org/10.1590/1413-82712019240114>